

O APORTE RETÓRICO DA ENUNCIÇÃO A ARTE EPISTOLAR SEGUNDO ERASMO DE ROTTERDAM¹

Ricardo Hiroyuki Shibata
(Biblioteca Nacional-RJ)

RESUMO

A partir do exame mais detalhado das três obras produzidas por Erasmo de Rotterdam (1466-1536) acerca da arte de escrever cartas, é possível verificar que, embora suas linhas mestras se estabilizem em bases amplamente formais, elas se articulam estrategicamente com o ideal doutrinário de reforma política e religiosa. O que equivale afirmar que, para Erasmo, a epístola não possui apenas um objetivo missivo ou informacional, mas constitui-se num instrumento poderoso de ação apologética (uma *pietas* verdadeiramente cristã) e de consecução da eloquência proposta pelo humanismo (o estudo e emulação dos *auctores* da Antiguidade clássica).

Palavras-chave: Erasmo de Rotterdam; Humanismo, arte epistolar; século XVI

Há um aspecto da produção intelectual de Erasmo de Rotterdam (1466-1536) até agora muito pouco explorado, em especial, se levarmos em conta aquela parte de sua obra dedicada às questões doutrinárias mais espinhosas. Refiro-me aos seus tratados acerca da arte da escrita de cartas, o que, a bem dizer, parecem deslocar-se inteiramente em relação aos temas comuns da política de Estado, aos quais Erasmo, secretário do poderosíssimo imperador Carlos V, havia se voltado com excepcional entusiasmo: conselhos sobre educação principesca, diatribe contra a heresia luterana e o falso pietismo cristão, defesa do pacifismo e (talvez a mais conhecida de todas) o elogio da *sã loucura* em forma de sátira azeda à pseudo-razão dos teólogos.

Porém, examinados mais de perto, tanto o formalismo da elaboração de epístolas, quanto a ação política e apologética, parecem afirmar justamente aquilo que o próprio Erasmo, desde seus primeiros escritos, esforçara-se por defender: uma reforma espiritual que fosse ao mesmo tempo verdadeiramente humanista – portanto, fun-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da BN, Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.

dada no estudo sistemático dos *auctores* da Antiguidade clássica e sua respectiva emulação – e fortemente cristã – uma crença (*pietas*) sincera e consistente sem os excessos rituais em que a ortodoxia católica se afundava.

É estrategicamente nesse âmbito doutrinário mais extenso, em que pesam também as atribulações desse início do século XVI (navegações de portugueses e espanhóis, descoberta da América, revolução da imprensa, Reforma protestante, guerras um pouco por toda a Europa), que Erasmo escreve seus tratados acerca da escrita de cartas. Isto, então, significa afirmar que eles foram produzidos não apenas para a epístola em seu fim missivo, informativo ou comunicacional, mas como instrumento decisivo de manutenção de uma sociabilidade específica, a qual somente a troca epistolar poderia desempenhar; de tal modo que a sua própria estruturação formal, em perfeita conformidade com o acumulado da tradição epistolográfica, testemunha de modo incontestado o grau de importância a elas atribuída pelo pensamento humanista. Uma tradição formal, a que Erasmo não poderia escusar-se e cujo debate, à época, esquentava entre os partidários de Cícero – os tão famosos neo-ciceronianos e sua defesa radical da “carta familiar”, liderados pelos italianos Filelfo, Perotto e Nigro – e os *dictadores* – aqueles que seguiam o modelo das cartas-formulário (as “cartas formais”) de longa fatura entre os *scriptoria* de príncipes seculares e prelados da Sé romana.

O primeiro esforço de Erasmo na tentativa de compor uma arte epistolar foi o seu *Brevissima maximeque compendiarum confientiarum epistolarum formula*, publicada em Erfurt, em 1520. Ali, Erasmo define a epístola, seguindo os preceitos de Libânio, como “conversa (em tom familiar) entre duas pessoas ausentes” (*absentis ad absentem colloquium*), sendo *colloquium* definido aqui como *sermo* em oposição aos discursos de aparato da *contentio*, ou seja, dos debates de índole polêmica que figuravam nas arengas do fórum romano. Também distingue três gêneros epistolares e suas correspondentes subdivisões de acordo com as três *causae oratoriae*, cujo aporte se dá pela definição contida na *Institutio Oratória*, de Quintiliano, e com a expressão de multiplicidade (“peri polé”) de suas espécies. Assim, determina para o gênero epistolar judicial – aquele dedicado à acusação ou defesa –, a divisão das epístolas em acusatória, incriminatória, invectiva, justificatória e recriminatória; para o

deliberativo – aquele que trata do útil e do honesto –, as de índole suasória, dissuasória, hortatória, dehortatória, petítória, aconselhativa, amatória, comendatícia e monitória; e para o demonstrativo – que trata de louvar ou vituperar –, as epístolas laudatórias e vituperativas.

Sobre as partes da epístola, Erasmo prescreve que, embora a epístola seja dividida tradicionalmente em quatro partes (*salutatio*, *exordium*, *narratio* e *conclusio*), é necessário muita prudência (ou “saber prático”), pois elas possuem pesos e funções diferentes na composição, a depender dos objetivos de quem escreve. Nas de gênero judicial e deliberativo, por exemplo, que tratam de causas em litígio e com tema geralmente controverso, o exórdio é estrategicamente importante para captar a benevolência do destinatário, não podendo, portanto, de nenhum modo, ser suprimido. Nesse ponto, em particular, Erasmo segue as lições do *Ad Herennium*, amplamente difundidas pela *ars dictaminis* durante grande parte da Idade Média, ou seja, que a principal tarefa do orador é encontrar através de certos dispositivos retóricos um bom começo para o seu discurso, sem o qual o auditório nem mesmo daria atenção ao que seria dito posteriormente.

Quanto à disposição retórica (*dispositio*), Erasmo aconselha ordenar cuidadosa e habilmente a matéria a ser tratada, o que se adquire imitando os bons autores e aqueles que obtiveram maestria singular na escrita de epístolas – Cícero, Plínio e Poliziano, para os alunos iniciantes; e Sêneca, para os mais destros –, com ênfase naquilo que se referia à aquisição de riqueza vocabular e excelência no manejo dos ornatos.

Para a elocução, Erasmo recomenda as virtudes da clareza, simplicidade e concisão, com certo tom de “cuidado descuidado”, porém sempre se respeitando os decoros característicos de cada gênero do discurso. Assim, nas epístolas do gênero judicial, o estilo deve ser apaixonado e agressivo, com forte acento patético; e nas descrições do gênero demonstrativo, a escrita deve demonstrar a habilidade e a erudição do remetente, com uso ostensivo de digressões, vocabulário incomum, excelência de ornamentação, abundância de alusões históricas e referência direta ou cifrada de obras poéticas (Trueba Lawand, 1996: 66-67; Henderson, 1998: 345).

No *Libellus de conscribendis epistolis* (Cambridge, 1521), Erasmo, sem se ater a definições muito formais, aconselha que, na composição de qualquer tipo de epístola, o remetente deve expressar-se como se o destinatário estivesse presente e ao vivo, isto é, deve-se escrever de modo familiar e sem afetação, com elegância e brevidade (com o devido cuidado para que não falem ou sobrem palavras). Para tanto, Erasmo sublinha, num comentário lapidar, que se deve redigir como se estivesse sussurrando a um amigo num canto e não esbravejando num teatro diante de uma platéia (*cum amiculo in angulo susurres, non in theatro clames*), mesmo porque nada é mais indecoroso à familiaridade do que as palavras de aparato ou a grandiloqüência afetada (*scenimus quidam verborum apparatus, et affectata grandiloquentia... tum ab epistolari familiaritate vehementer abhorret*). Quer dizer, salienta mais uma vez, retomando a definição já empregada por tantos humanistas, que cabe à epístola a escrita em *sermo* e não em forma de *oratio*.

Se, no *Brevissima formula*, a divisão das epístolas era dada segundo os gêneros oratórios, aqui, ele as classifica em mistas ou simples, conforme apresentem um só ou vários assuntos. Quanto às mistas, apenas remete à autoridade das epístolas de Cícero como fonte e origem abundante de exemplos. Quanto às simples, reformulando com acréscimos a classificação proposta pelo seu tratado epistolar anterior, distingue três tipos epistolares principais e suas diversas subdivisões: na deliberativa (exortatória, dehortatória, suasória, dissuasória, consolatória, petitória, comendatória, monitória e amatória), na demonstrativa (aquelas que desempenham as várias tarefas da prosopografia, com a descrição de pessoas, cidades, campos, regiões, edifícios, templos, montes etc.), e na judicial (criminatória, defensiva, postulatória, purgatória, exprobatória, invectiva e deprecatória). Entretanto, Erasmo refere um quarto tipo de epístola simples, distinta das três anteriores que seguem de muito perto os gêneros oratórios, a de “gênero extraordinário” (nunciatória, comissiva, narratória, colaudatória, de ação de graças, lamentatória e jocosa), portanto muito próxima das cartas trocadas comumente entre os humanistas do período (*idem, ibidem*, p. 68-69 e 347).

Em seu último tratado acerca do gênero epistolar, o *Opus de conscribendis epistolis* (Basiléia, 1522)², Erasmo, ao contrário daquilo que havia sido proposto em seus tratados anteriores, declara que a epístola é, por natureza, um gênero capaz de variações infinitas e qualquer esforço de sistematização para a preceptiva do gênero deveria necessariamente levar em conta possibilidades mais flexíveis de sua formulação. Nesse sentido, se a epístola pode admitir uma infinidade de assuntos, a rigor, não deve haver um único estilo epistolar, o que leva Erasmo a crer que os conceitos, tomados *a priori* de brevidade e simplicidade, cuja tradição tão fortemente a arte do *dictamen* e as coleções medievais de cartas haviam acentuado, não possuíam qualquer funcionalidade.

Para Erasmo, o estilo deveria conformar-se ao tema e a brevidade deveria ser entendida como a habilidade de dizer muito em poucas palavras, com a ressalva de se observar aquela virtude da composição, cujas lições recomendavam ao bom discurso (no caso, a boa carta) nada poder sobrar ou faltar. Ou seja, a epístola pode conter ornatos variados com grande grau de sofisticação e destreza retórica, porém a expressão deve ser sempre elegante, mesmo quando simples.

De resto, Erasmo, insistindo nesse aspecto fundante de sua arte, a de que qualquer estilo pode ser adequado para a escrita de epístolas e que isto se relaciona estrategicamente com o público ao qual ela se destina, ratifica o que muitas vezes é ressaltado nas preceptivas retóricas: todo o aparato lingüístico deve se acomodar às circunstâncias precisas de sua pragmática enunciativa, dissimulando prudentemente os usos retóricos que faz dela. Ora, para dizer com os termos do *aptum* da retórica clássica, esse “decoro” externo é que justamente organiza as partes da *dispositio* interna da carta, seus processos de amplificação de *topoi*, o grau de mobilização dos ornatos e seus demais arranjos formais internos. Como afirma muito a propósito Judith Henderson:

² Sigo o *D. Erasmi Roterdami opus de conscribendis epistolis, quod quida[m] & mendosu[m], & multum aedidera[n]t, recognitu[m] ab autore, & locupletatu[m]*, publicado em Paris, apud Simone[m] Colineu[m], 1523 (exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, Seção de Reservados, Res 5297 P).

If the style is loquacious, it can be justified as having been written to an avid reader or to one with leisure; if erudite, to an erudite man; if artless, to an ignorant reader or one pleased by simplicity; if ornamented, to an antiquarian of ancient words; if soothing, to a friend; if frank, to a familiar; if harsh, to an inferior; if flattering, to an ambitious man” (Henderson, 1998: 353).

Até aqui, fica claro, então, que a escrita de cartas é, antes de tudo, uma dinâmica em que se correlacionam estreitamente o remetente e o destinatário, com mediação da virtude da prudência – a sabedoria prática a que se referia Aristóteles –, cuja função seria avaliar corretamente todas as variáveis pragmáticas do processo. Fica claro também que Erasmo nunca discordou do fato de a carta definir-se como metade de um diálogo em que fala apenas um dos interlocutores, porém que a ênfase agora recaía nas condicionantes da relação de interlocução que a carta ficcionalmente entabularia.

Proposição polêmica na medida em que os teóricos da nova epistolografia defendiam que a função principal exercida pela troca epistolar era justamente delinear um retrato favorável daquele que escreve, vale dizer, o discurso da carta nada mais era do que a construção de uma boa “imagem de si mesmo”, apenas um retrato do remetente. Para eles, a prática de emular as epístolas de Cícero e o correspondente esforço por demonstrar erudição participavam assim da astúcia mais complexa de argumentar através do ethos, quaisquer que fossem o destinatário, a ocasião e o assunto.

Como vimos, Erasmo pensava um pouco diferente. Em termos analíticos mais precisos, a carta não só deveria transmitir uma boa imagem de quem escreve ou adotar tão-somente um único modelo de composição, mas também deveria cumprir a contento seus objetivos persuasivos; para tanto, ela deveria “falar”, conforme o bom orador, com eloquência. Imitar o fraseado periódico ou a “técnica acretiva” do estilo ciceroniano não bastaria para ultrapassar os obstáculos à argumentação e aumentar as chances de convencer o auditório. Pelo contrário, o uso (possível) de diversos estilos epistolares robusteceria a prática epistolar, fazendo frente à instabilidade das situações pragmáticas e ao aleatório das instâncias enunciativas.

Isto, entretanto, de nenhuma forma, invalidava o fato de, na parte dedicada à *elocutio*, não serem necessárias regras específicas para a redação de cartas e para os usos dos ornamentos, em que a

“estética” do discurso, conforme o aporte retórico dado por Erasmo, exerce funções decisivas na persuasão. Daí que, para ele, a clareza refere-se aos usos gramaticais corretos do latim (*puritas e latinitas*) e de suas fontes retiradas de autores clássicos (*auctoritas*), com a elegância do estilo (*elegantia*) obtendo-se através de leitura, bons preceitos, estudo e imitação de *auctores* (a *aemulatio* de Cícero, Plínio e Poliziano, principalmente) e muita prática de escrita (*exercitatio ad usum*). Erasmo insiste, mais uma vez, que o equilíbrio entre uma arte “flexível” o suficiente, tendo em vista o destinatário (o auditório), contudo longe de ser resultado de um completo arbítrio do remetente, é que se constituía estrategicamente em antídoto contra os vícios, por excesso, do artificialismo e do preciosismo, e, por falta, do pedantismo e da vulgaridade.

Essa *mesótes* (esse meio termo que deveria direcionar todas as ações humanas, segundo insistia Aristóteles) também poderia ser aplicada às partes da epístola, em especial, aquelas duas em que mais se detiveram os *dictatores* medievais. Para Erasmo, a *salutatio* deve conter apenas os nomes de quem escreve, primeiro, e, a seguir, o do destinatário, e não a série interminável de epítetos e títulos honoríficos, cuja operatividade e desempenho seriam mais eficazes na *narratio* do corpo da epístola. E na *captatio benevolentiae* do *exórdio*, sublinha Erasmo, deve-se esforçar por parecer o mais natural possível, encobrindo a arte contida na *dispositio* e evitando a restrição da liberdade por modelos fixos.

Se o *dictamen* medieval quase nenhuma atenção havia dado a parte final da carta, pois em muitos formulários encontramos apenas um simples “*Vale(te)*” ou nem mesmo isso com a carta se fechando quase que sub-repticiamente, Erasmo observa que, para a *valedictio*, logo após as despedidas de praxe, pode-se ratificar aquilo que se deseja do destinatário (de fato, os objetivos por que se escreve a carta) ou complementar com algo que se esqueceu de dizer, isto é, justamente aquilo que prescreviam as artes retóricas clássicas: a *peroratio* é o lugar e o momento mais adequado do orador ressaltar mais uma vez o que é importante e se valer de todas as armas ao seu alcance para persuadir o auditório, abrindo caminho para um leque muito grande de estratégias discursivas. Pode-se finalizar a carta com lugar e data, não se admitindo de forma alguma despedidas supérfluas ou excessivamente elaboradas.

Quanto aos tipos de epístolas, Erasmo segue as considerações desveladas em seus tratados epistolares anteriores baseadas nas três *causae oratoriae*, e, a partir disso, as suas funções e classificações características, o que o opõe aos “tipos de epístolas” da classificação de Demétrio de Faleron, baseada na perspectiva da pessoa e não do assunto, e aos três tipos de Cícero (oficial, jocoso e grave), fundada em características gerais do estilo; acresce-se a essa classificação erasmiana a incorporação do quarto tipo de epístola – a do gênero familiar que não necessita de técnica retórica, com ênfase naquela que se destina ao intercâmbio intelectual, ou seja, a carta erudita (que Erasmo denomina, aqui, *disputatoriae genus*) considerada mais habitual entre os humanistas (Ver, por exemplo, RESENDE, 1988). Entretanto, há dois tipos de epístolas deliberativas que Erasmo se detém em particular: a suasória, destinada a mover a vontade do destinatário através de provas e de virtudes morais (*honestum*), e a exortatória, que incita à ação, mobilizando e amplificando os lugares do patético e pelo estilo alto e veemente.

No entanto, nesse tratado, quando Erasmo desvela o problema da “variedade” (do *aptum*) – dessa “flexibilidade” discursiva ao qual a epístola deveria necessariamente se acomodar –, ele não está simplesmente pensando em afirmar um paradigma retirado da tradição oratória clássica. Da maneira como trata a questão, ele coloca em xeque um discurso escrito – a da epístola – em relação à sua própria determinação formal, o que só é possível por ser a carta um “colóquio entre ausentes”; de fato, uma conversa, cujo tom é dado pela oralidade nela pressuposto. Mais ainda: Erasmo tenta esgrimir habilidosamente face ao tipo de aporte que medievais e renascentistas viñham, desvelando até então.

Em outros termos, para a correta inteligência da preceptística de Erasmo, a grande renovação humanista seria aquela que justamente rivaliza, de um lado, com a redução da epístola às práticas administrativas e às situações oficiais de interlocução, submetendo a *copiā rerum* ao regramento das partes da *oratio* antiga; e, de outro, em grande medida, não obstante a escrita em *sermo*, com a adoção do modelo e imitação de Cícero. Neles, em particular, o discurso nascia não do amor e da fé cristãos ou do conhecimento dos mistérios divinos, mas da vaidade intelectual e do exercício das belas-letas. Nada tinham a ver com a ocasião, o público e o objetivo, ou como indaga-

va Erasmo em outro tratado importante, “ad talem diem, ad tales auditores, ad tale argumentum quid faciebat obsecro?” (*Ciceronianus* I. II); distantes, portanto, do que rezava o preceito de dizer observando as variáveis pragmáticas envolvidas na situação de interlocução, ou para retomar a fórmula mais do que conhecida: dizer melhor é dizer com decoro (*si melius dicit qui dicit aptius*).

É exatamente por isso que Francisco Rico explica que “la elocuencia obliga e expresarse *aptius apposite*, es decir, a conjugar las exigencias del tema y del lugar con las conveniencias del orador y del auditorio en unas determinadas circunstancias de lugar y tiempo” (Rico, 1997: 123; ver também Chomarat, 1980: II, 824). Ou, ainda, com Trueba Lawand, “el estilo epistolar es flexible, según lo dicta el tema y el decoro, pero siempre debe permanecer refinado (libre de defectos en la lengua) y educado; la expresión epistolar, como conversación entre amigos, debe ser simple, pero elegante, y breve” (Trueba Lawand, 1996: 70). Ao que Erasmo diria certamente que se Cícero fora famoso em seu tempo, já não o era no de Catão ou no de Ênio, pois se ajuizavam outros gostos; que conquanto o apóstolo Paulo havia afirmado que os bispos deveriam cuidar muito bem de suas esposas, hoje a cristandade admite apenas o celibato clerical; e que, enfim, Cristo se pusera no deserto, mas não da mesma forma que João Batista, e que falou não como erudito, mas para que todos o entendessem.

De qualquer modo, uma forma particularmente eficaz de composição do discurso não poderia ficar refém de dados apriorísticos, porque dependente de muitas variáveis empíricas e contextuais. Entretanto, essa “flexibilidade” prescrita por Erasmo não pode, de forma alguma, confundir-se com desordem ou espontaneísmo, o que significaria no limite o próprio abandono da arte epistolar, porém, estrategicamente, reflete a necessidade de adaptar a arte de escrever cartas com o contexto de enunciação, mesmo porque as inúmeras variáveis pragmáticas envolvidas em sua elaboração formal, em estreita conformidade com o destinatário, a ocasião e o estilo, demandariam longo preparo intelectual, cuja recompensa é o perfeito domínio do aparato lingüístico. Vale dizer, ela deve cumprir seu caráter didático e doutrinário, como emulação da fala do professor em suas aulas e da

situação real de ensino-aprendizagem, e da necessidade premente de reforma religiosa.³

Ou, para dizer definitivamente com Judith Henderson, o retrato da epístola oriundo dos tratados epistolares de Erasmo propõe que:

The letter needs to please only the correspondent. It can therefore be distinguished from other genres by its flexibility of style. This redefinition of the letter allowed Erasmus to synthesize the medieval and classical traditions of epistolography while rejecting the legalism of both the *magistri nostri* and the ‘apes of Cicero’ (Henderson, 1998: .355).⁴

Ora, isto se articula perfeitamente aos objetivos pedagógicos da *Philosophia Christi* erasmiana presentes ao longo de toda a sua produção doutrinal e traduzida de modo particularmente efetivo nos exercícios escolares com objetivo de formar o *ingenium* pela aquisição do virtuosismo no gênero epistolar. Conforme resume Marc Fumaroli:

Ainsi le *De conscribendis epistolis*, pour rémplacer la rhétorique médiévale de la lettre, propose une méthode à deux étages: le premier, réservé à l’enfance et à l’adolescence, met en oeuvre une pédagogie intelligente et sensible qui donne à l’*ingenium* du futur épistolier la maîtrise d’une culture, et d’un langage; le second ouvre les portes de la liberté et de la simplicité chrétiennes: les richesses de la *memoria* et les techniques de l’*eloquentia* sont à leur disposition pour répondre rapidement et avec justesse aux exigences infinies, jour après jour, de la parole épistolaire (Fumaroli, 1978:890-891).

Como se disse, se há a superação dos modelos medievais dos *dictatores* e também dos humanistas contemporâneos de Erasmo, é exatamente porque a mesma “retórica aberta” proposta para o decoro das epístolas é aquela através da qual se pode chegar à verdadeira *pi-*

³ Ou seja, “the desirability of clothing Christian ideas in elegant language and the value of the classics as a repository of moral precepts and examples”, o que deriva certamente da visão tradicional que “the moral nature of the contents should determine the choice of authors to be read. (...) he could advise his pupils to ‘follow and seek to imitate serious and circumspect authors from whose sagacity you may instruct your natural gift and mould your character’”, Cf. Rice Jr., 1992, p.180 e p.181-182, respectivamente.

⁴ A expressão *simia Ciceronis* (“macaco de Cícero”, forjada em oposição a *alumnus Ciceronis*), cuja significação remete à imitação servil e pouco habilidosa do estilo periódico de Cícero, parece ter sido formulada pela primeira vez justamente por um dos maiores humanistas ciceronianos (se não o maior de todos), Paolo Cortesi, em seu diálogo *De hominibus doctis* (c.1490), Cf. D’Amico, 1991, p.129.

etas cristã de mãos dadas com as *litterae* (*cum elegantia litterarum pietatis christianae sinceritatem copulare*), ou melhor, a piedade cristã não pode se desarticular de modo algum do cultivo das boas letras (*ut cum bonis litteris floreat sincera pietas*) (Rico, 1997: 113 ss).

Nesse sentido do valor pedagógico mais específico da arte epistolar, é perfeitamente possível afirmar que as lições doutrinárias de Erasmo, cujo núcleo se concentra na reforma moral e social, postulam o retorno estratégico a um tempo anterior ao da decadência, no tempo presente, da Igreja Católica. De fato, é, antes de tudo, um renascer e concomitante releitura dos livros fundamentais da verdadeira e mais pura espiritualidade cristã – àquela “simplicité chrétienne” de que fala Fumaroli –, cuja letra e cujo espírito foram corrompidos ao longo de séculos sombrios e por práticas nada piedosas.

Essa nova “idade de ouro” não se entende, em verdade, como uma quebra ou revolução das crenças e formulações fundamentais da ortodoxia católica – Erasmo nem de perto se aparenta a Lutero, a despeito de muito do que havia sido dito do segundo valesse para o primeiro –, porém, estrategicamente, como tempo da memória reatualizada e ratificada. Uma memória que foi perdida ou esquecida durante os anos mais terríveis das trevas medievais, que enfatizara as filigranas teológicas mais inusitadas, ou mesmo durante o reflorescer das letras antigas com a imitação servil do modelo ciceroniano. Todavia, essa retomada do passado passaria necessariamente pela ênfase na recuperação do sentido legítimo dos textos sagrados na esteira do projeto lingüístico e filológico mais radical empreendido pelos *studia humanitatis*. Como nestes, a matéria fundante da teologia erasmiana reside na linguagem e nos aportes da retórica antiga, mesmo porque a propagação dessa teologia depende de sua capacidade de ação efetiva e de seus modos mais aptos à persuasão.

Para insistir nesse caráter estritamente humanista de Erasmo, basta referir os princípios gerais do pensamento de Cícero:

A despeito de as demais artes tenderem a surgir de fontes recônditas, a arte de falar está no meio da praça como à disposição de qualquer um, ocupada nas práticas e na língua de todos; de sorte que se nos outros campos se chega tanto mais ao auge quanto mais se distancia da compreensão e mais próximo do parecer dos especialistas, no falar o erro maior se avizinha de se distanciar do sentido corrente e dos modos de sentir comumente mais aceitos (*De Oratore* I. IV, 2).

Com Erasmo, dá-se termo, para utilizar uma expressão lapidar de Francisco Rico, ao “sonho do humanismo”, inaugurado com os esforços monumentais de Petrarca e seus discípulos mais próximos, porque nunca mais, depois dele, houve um humanista de tanta erudição, de tanta envergadura intelectual e de prolífica produção doutrinária, com tanto carisma pessoal, capaz de aglutinar e mover em torno de si tantos humanistas de quilate, com respostas certeiras aos problemas mais contundentes do início do século XVI; hábil em pensar a renovação da sociedade, das consciências e da própria ortodoxia católica graças a um programa inteiramente calcado nos *studia humanitatis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMARAT, *Grammaire et Rhétorique chez Erasme*. Paris, 1980, 2 v.

D’AMICO, John. *Renaissance Humanism in Papal Rome*. Humanists and Churchmen on the Eve of the Reformation. Baltimore / London: The Johns Hopkins University Press, 1991.

FUMAROLI, Marc. Genèse de l’épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque a Juste Lipse. *Revue d’Histoire Littéraire de la France*. Nov.-Déc. 1978, 78^o année, n^o 6, p. 885-906.

HENDERSON, Judith R. Erasmus on the Letter-Writing. In: MURPHY, James (org.). *Renaissance Eloquence*. Studies in the Theory and Practice of Renaissance Rhetoric. Los Angeles: UCLA Press, 1998, p. 331-355.

RESENDE, André de. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Coimbra: INIC, 1988.

RICO, Francisco. *El sueño del Humanismo*. De Petrarca a Erasmo. Madrid: Alianza, 1997.

TRUEBA LAWAND, Jamile. *El arte epistolar en el Renacimiento Español*. Madrid: Támesis, 1996.